

tríade
comunicação, cultura e mídia

Dossiê

Diversidade cultural/
sexual e de gênero

Mídia, alteridade e o rosto do outro: de L-Word a Zanele Muholi

Adriana Agostini

Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), Belo Horizonte, MG, Brasil. Contato com a autora: adrianaagostini@gmail.com.
Orcid: 0000-0001-6089-8658.

Juliana Rocha Franco

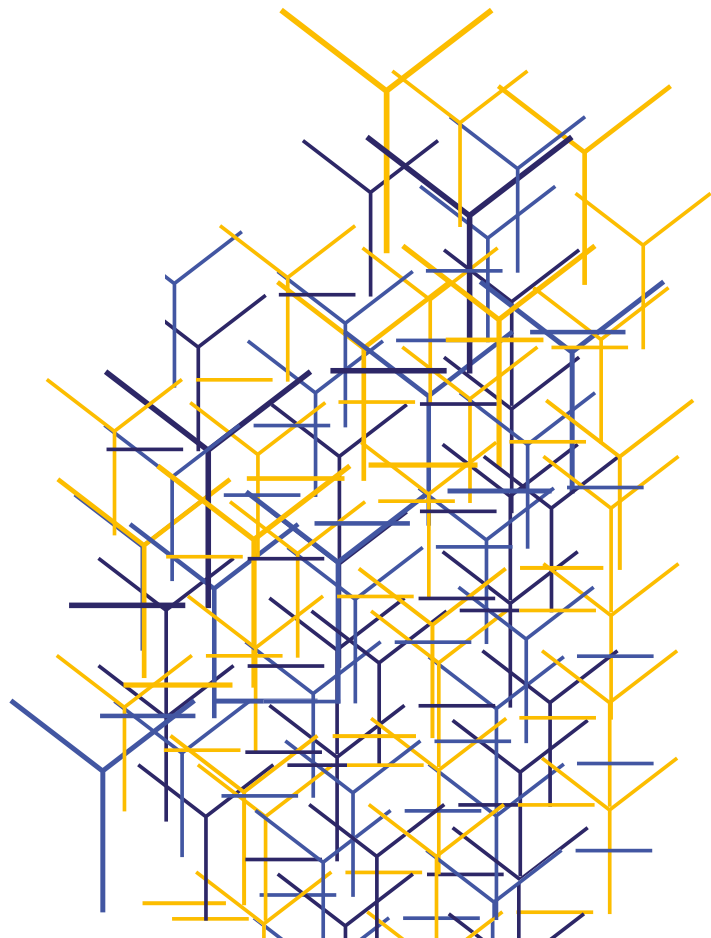
Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), Escola de Design, Belo Horizonte, MG, Brasil. Contato com a autora: judorf@gmail.com.
Orcid: 0000-0001-7021-3341.

Resumo: O presente artigo busca compreender quais implicações de um *ethos* mediatizado na configuração das sexualidades minoritárias (lésbicas, por exemplo), e que forma a midiatização das diversidades sexuais orientaria ou influenciaria as práticas sociais. Dentro desse contexto, é possível afirmar que as imagens lésbicas em circulação têm sido moldadas por elementos que, apresentados em processos de mediação, mais especificamente a partir da interação mediatizada por algum dispositivo, adequam-se à lógica do *ethos* mediatizado defendida por Sodré. Ao se indagar sobre quais as implicações de um *ethos* tecnológico, norteador da ética, do estilo de conduta diante de si e do outro, o artigo propõe dois exercícios de olhar para momentos mediáticos específicos: um que efetua a redução do outro ao mesmo, encarnado pela série de TV *L-Word* e outro, o trabalho *Faces e Fases* de Zanele Muholi, se coloca como manifestação, aparição e apresentação do outro em um contexto social e político que é crítico e que permite a criação de novas formas de existência.

Palavras-chave: Alteridade. Ethos. Mídia. Lésbicas.

Abstract: This article seeks to understand the implications of a mediated ethos in the configuration of minority (lesbian, for example) sexualities. The paper will show how the elements that conform to the logic of the mediated ethos defended by Sodré shaped lesbian images in media. The article proposes two exercises of looking at two moments. One where there is a reduction of the other to the same by the TV show *L-Word*. Another moment, the work *Faces and Phases* of Zanele Muholi that stands as manifestation and presentation of the other in a social and political context that is critical and allows the creation of a face as stated by Levinas and evade of mediated ethos.

Keywords: Otherness. Ethos. Media. Lesbian.



1 Introdução

As culturas, ao longo do tempo, edificam categorias para conhecer, classificar e pensar o outro. Segundo Paula Monteiro (2007), o fenômeno da percepção e classificação da alteridade é universal, entretanto uma das particularidades dos esquemas de pensamento ocidental é a de conceber o outro como inferior com a finalidade de submetê-lo. É possível afirmar que vivemos um momento de transição de processos de comunicação de massa para processos centrados em tecnologias da informação ou pelo menos para um momento em que essas ambiências irão configurar a mídia contemporânea, uma convivendo com a outra.

No contexto da discussão acerca da alteridade, nos dias de hoje, o campo midiático se configura como um espaço decisivo. É cada vez cada vez mais visível a luta pelo reconhecimento de novos atores sociais que, por vezes, trazem atrás de si, diversas concepções do mundo, diversas formas de vida e novas orientações socializadoras. Nesse caso, ao se refletir sobre a questão da alteridade emerge a questão da possibilidade de, em uma sociedade fundamentalmente marcada pelas tecnologias da informação, reconhecermos o outro sem, no processo, reduzi-lo ao mesmo.

Dentro de tal contexto, as noções de midiatização e de mediação são pontos de partida bastante pertinentes. Para iniciar essa discussão, partiremos de Braga (2006, 2010) e de Sodré (2002, 2006) a fim de confrontarmos alguns modos de ver de ambos, especificamente no que se refere às mudanças na mediação social que podem ser desencadeadas pela midiatização. Buscaremos compreender como a midiatização incide sobre a nossa forma de experimentar o mundo, nossas interações e a relação com a alteridade e as formas do outro se apresentar na sociedade midiática. Posteriormente, atualizaremos nossas discussões em um objeto específico, que é a questão da visibilidade midiática lésbica nos dias de hoje. Especificamente trataremos da série de TV *L-Word* e do trabalho da fotógrafa Zanele Muholi (2017; 2014; 2012), especificamente no trabalho “FACES e Fases”, que é constituído por retratos de lésbicas sul africanas no contexto pósapartheid da África do Sul extremamente marcado por crimes de ódio contra lésbicas.

Conforme afirma Lúcia Facco (2004, p. 24), a questão da homossexualidade é muito séria, pois balança e questiona relações de poder. Na atualidade, o tema se faz sempre presente na pauta da mídia de massa e também em espaços segmentados, seja por questões relativas à luta por direitos civis ou mesmo pela presença, cada vez mais frequente, de personagens homossexuais em programas ficcionais da televisão, entre eles telenovelas e séries de TV. Nesse contexto, percebe-se também uma lacuna em pesquisas acadêmicas sobre a área, o que justifica um olhar mais demorado sobre temas relativos à homossexualidade, especialmente no que se refere à lesbianidade, campo em que se percebe serem as pesquisas ainda mais escassas.

2 A midiatização

Muniz Sodré delimita a diferença entre os conceitos de mediação e midiatização. Para o

autor, mediação “é uma categoria que recobre todo o espaço social e está ligada à ação de fazer ponte ou fazer comunicarem-se duas partes” (SODRÉ, 2002, p. 21). Distingue-se sutilmente de “interação”, forma operativa do processo mediador. É possível entender como mediação um ato de ligação, de fazer ponte, de colocar partes em contato, o que pode se traduzir em diferentes tipos de interação. Assim, podemos considerar a linguagem como o mediador universal. Para Muniz Sodré, midiatização se constitui a partir de mediações socialmente realizadas, orientadas por organizações empresariais, corporações e enfatiza e é enfatizada por uma “tecnointeração”, que segundo Sodré (2002, p. 21-22), é caracterizada por uma espécie de prótese tecnológica e mercadológica da realidade sensível.

Os processos de midiatização desencadeiam uma nova qualificação da vida, um bios específico (SODRÉ 2002, p. 24): o *Bios* Midiático. Dessa forma, aos três *bios* aristotélicos, *bios theoretikos* (vida contemplativa), *bios politikos* (vida política) e *bios apolaustikos* (vida prazerosa), o autor acrescenta mais um, relativo aos processos midiáticos:

(uma) quarta esfera existencial ou quarto bios “aristotélico”, a mídia é levada a encenar uma nova moralidade objetiva-consentânea com a reforma cognitiva e moral necessária à ordem de consumo, pautada pela criação de uma eticidade (no sentido, parcialmente hegeliano, de costumes e rotinas socialmente dadas) vicária e de conteúdos “costumbristas” (desde a produção do “atual” até a reiteração de uma atmosfera familiar em formas de vida variadas), a partir de ensaios, “negociações” discursivas ou interfaces com o *ethos* tradicional (SODRÉ, 2002, p. 51).

Nesse contexto, a mídia deixa de ser compreendida apenas como um transmissor de informação para se tornar uma ambiência, um espaço no qual relações são tecidas e vividas. Isso pode ser facilmente observado no atual uso que fazemos das redes sociais online. O autor sugere que existe uma forma de vida, o *bios* virtual, da qual o *bios* midiático seria apenas a “ponta do iceberg”. Caminhando para uma discussão que se aproxima de Baudrillard em suas discussões sobre a desmaterialização do real no virtual, Sodré afirma que a midiatização crescente da vida social repõe continuamente o problema da delimitação da realidade discursiva frente ao mundo “real” e instala “um novo tipo de relacionamento com o real marcado pela indiscernibilidade entre o real e o irreal” (2002, p. 51). Ambiente propício para a proliferação, por exemplo, de *fake news*, como é possível observar atualmente. Isso acontece porque como uma forma condicionante do vivido, o *bios* midiático condiciona a experiência vivida e forja vinculações, percepções individuais, cognições e o que se reconhece como verdade (SODRÉ, 2002, p. 23).

Esse novo espaço (FRANCO, 2015) híbrido porque relaciona espaço tangível e virtual, configurado pela tecnologia e pelo mercado corporativo, implica em uma esfera existencial, inteiramente regida pela mercadológica economia monetária. Um novo *ethos* – radical grego referente a uma rede comum de valores e costumes – surge a partir daí. É o *ethos* midiatizado, dimensão virtual onde se pode habitar e construir toda uma forma de existência regida menos pela razão do que pelo circuito de estímulos sensoriais e emotivos desencadeados dentro desse novo *bios*.

3 É possível escapar do *ethos* midiaticizado?

Um dos traços principais da midiaticização é o seu caráter expropriador da experiência dos sujeitos. Articulando a midiaticização e as novas forças que regem o capitalismo, Sodré afirma que as *tecnomediações* implicam em uma inexorável proeminência da virtualização das relações sociais (2002, p. 153). Tal processo desencadearia uma *nova moralidade objetiva*, pautada pela criação de uma eticidade caracterizadora de um modo de presença do sujeito no mundo a partir de rotinas direcionadas para o consumo (SODRÉ, 2002, p. 51) e um modo de vida regido pelas imagens midiáticas oriundas de modelos hegemônicos norteados pelos fluxos globais do capital.

Segundo Sodré, “O *ethos*, de um indivíduo ou grupo, é a maneira de agir, isto é, toda ação rotineira ou costumeira, que implica contingência, quer dizer, a vida definida pelo jogo aleatório de carências e interesses, em oposição ao que se apresenta como necessário, como dever-ser” (SODRÉ, 2002, p. 47). Dessa forma, se coloca a questão das implicações de um *ethos* tecnológico, norteador da ética, do estilo de conduta diante de si e do outro.

A dimensão ética envolve necessariamente a relação com o outro. A qualificação de um *ethos* a partir do *bios* midiático envolve a qualificação dos sujeitos a partir de princípios mercadológicos, tanto socialmente, quanto existencialmente. Dessa forma, o *ethos* midiaticizado seria marcado pelo individualismo e consumo. Sodré (2006, p. 30) usa a expressão “eticidade moralista da mídia” para se referir a um predomínio de um eticismo utilitarista, que resultaria na redução do outro ao mesmo. O outro, como algo a ser consumido, como objeto para a realização de desejos narcísicos prontamente descartado depois do fim alcançado.

Nesse sentido, poderíamos, talvez, perceber o outro também como um objeto comunicacional, que integra a experiência da midiaticização, que é comum, configurando esse *bios* virtual como uma ambiência na qual estamos todos imersos e onde ficaria, cada vez mais difícil, distinguir o sujeito, da experiência de midiaticização e do objeto a ser consumido.

Entretanto, conforme afirmam Guimarães, Leal e Mendonça (2010) a ideia de midiaticização se encontra meio a uma disputa conceitual por parte dos analistas:” (...) para alguns, a noção de espetáculo foi encaixada em novas problemáticas e tornou-se o obscuro sinônimo de uma midiaticização invasiva (quanto ao mundo da vida), processo avassalador e onívoro que ameaça destruir todas as formas de mediação simbólica” (GUIMARÃES; LEAL; MENDONÇA, 2010, p. 12). Ainda que admitindo a existência dessa disputa conceitual, os autores acima assumem preferir “lidar com a mediação na acepção que lhe concedeu José Luiz Braga, a saber: de uma mudança em curso na sociedade atual, na qual os processos sociais de interação mediaticizada tornaram-se referência para a construção social da realidade” (GUIMARÃES; LEAL; MENDONÇA, 2010, p. 14).

Para Braga (2006), a interação mediaticizada é um processo de referência que acaba dando o tom aos demais processos interacionais, que passariam a funcionar a partir da mesma lógica. O ator ressalta, entretanto, que não se trata de eliminar os demais processos, mas sim

de abrangê-los e de organizá-los, sendo, pois, o principal organizador da sociedade. A partir da obra de Berger & Luckmann e da ideia de construção social da realidade, Braga (2006) afirma que os processos interacionais de referência são os principais direcionadores na construção da realidade social. Ou seja, para o autor, todos os processos sociais, em última instância funcionam ou passam a funcionar segundo as lógicas midiáticas, que incluem e abrangem os demais, que não desaparecem, mas se ajustam a essas lógicas (BRAGA, 2006).

Ao acrescentar que a mediação acaba sendo largamente responsável pela constituição do tecido social, o autor pondera que esta já é dominante em múltiplos processos transmissivos e interacionais. Porém, ele mesmo ressalta que a mediação social ainda não atende a vários requisitos de articulação e plausibilidade, que são cobrados pela própria lógica do processo interacional.

Braga (2006) sinaliza alguns pontos que limitariam os processos de mediação, dos quais dois deles nos parecem mais relevantes. Um dos limitadores é o fato de que a sociedade ainda não vive uma situação de predominância dos processos mediados enquanto processo interacional de referência. Além disso, se pensamos especialmente na questão do *ethos*, entendendo este como o modo como as pessoas se relacionam, o *habitat* do viver ético, podemos ponderar que, antes mesmo de qualquer mídia ou mediação, a questão ética já se impõe, pois se apresenta sempre que se defronta com o rosto do outro, ainda que este não seja presencial.

Outro ponto, conforme Braga (2006, p. 164), é a não existência de um determinismo tecnológico e econômico inelutável frente ao qual o mundo sofreria um retraimento inexorável. Nesse item, o autor se contrapõe às ponderações de Sodré, pois este acredita que as relações sociais estão determinadas pelas relações mercantilistas, pela lógica capitalista neoliberal. Braga (2006), ao contrário do beco sem saída descrito por Sodré (2002), defende que a construção da vida não se limitaria a essas mediações, uma vez que estas têm lacunas e não dariam conta da complexidade da construção social da realidade:

(...) referimos, com a expressão, as insuficiências *interacionais* dos processos mediados para elaborar modos consistentes e defensáveis de construção social da realidade *enquanto mundo da vida*. Como se verá a seguir, uma parte das lacunas adiante aludidas se refere a exigências do mundo da vida (BRAGA, 2006, p. 160).

É possível pensar a partir do pensamento de Braga (2006) que as verdadeiras mudanças na construção social ocorrem quando há alterações de posicionamentos ou, melhor dizendo revoluções comportamentais, e que estas independem de dispositivos midiáticos. Não se pretende aqui minimizar a importância destes, mas relativizar e questionar o midiacentrismo, uma vez que, ao final, cabe à sociedade decidir que tipo de uso dará às várias possibilidades tecnológicas.

Ao avançar na análise sobre processo de desenvolvimento da mediação, Braga (2006) se contrapõe a Sodré (2002) em outras quatro ponderações importantes. Primeiro, se contrapõe ao fato de Sodré sentenciar o desaparecimento de campos da vida política, privada, econômica e de afetos. Para ele, podemos estar experimentando um rearranjo e a (re) construção destes,

mas não o desaparecimento. Um segundo ponto seria o fato de Sodré falar da dificuldade de se perceber os papéis sociais, enquanto para Braga ocorre certo grau de experimentação desses papéis.

Braga considera, ainda, a existência de lacunas no processo de legitimação:

A questão da legitimação é talvez um dos elementos mais espinhosos no processo – pelo fato de que, com a ênfase no pólo receptor, uma grande parte dos processos interacionais da mediação se volta para a construção de “imagens” que, justamente sendo percebidas, de modo generalizado, como “construídas”, apresentam a dificuldade de se substanciar em base da legitimação (não apenas de serem consideradas legítimas – mas de serem legitimadoras) (BRAGA, 2006, p. 164).

Sobre a consideração de Braga (2006), cabe uma reflexão a respeito da importância que o chamado “polo receptor” vem assumindo cada vez mais espaço nas chamadas mídias tradicionais. Com frequência, os chamados vídeos amadores ganham espaço em locais antes reservados exclusivamente para imagens captadas e produzidas pelos chamados polos produtores. Até mesmo os créditos que identificam as imagens como “vídeo amador” deixaram de aparecer, por exemplo, nos telejornais. Essa tendência cresceu especialmente após a portabilidade das câmeras de vídeo, que agora integram os *smartphones*. Tudo indica que essa inserção se manterá e crescerá; logo, pode ser que a imagem considerada de maior credibilidade passe a ser a feita pelos telespectadores, ainda que permaneça necessitando da legitimação do selo da emissora.

Por fim, Braga (2006) avalia que, mesmo que os processos interacionais midiáticos se tornem predominantes, isso não significa a exclusão dos demais processos, como no sistema fechado do *bios* midiático defendido por Sodré. Braga sugere um fenômeno da mediação que está sim muito imbricado na convivência social sem, portanto, funcionar como um sistema fechado, em que nada escape, enquanto Sodré percebe a mediação de maneira mais fechada, supondo já vivermos num *ethos* mediado.

4 Um exercício de olhar: as implicações de um *ethos* mediado na configuração das sexualidades minoritárias

A seguir, buscaremos compreender as implicações de um *ethos* mediado na configuração das sexualidades minoritárias (lésbicas). A mediação também das diversidades sexuais estaria orientando ou influenciando nas práticas sociais. É possível afirmar que as imagens lésbicas em circulação têm sido moldadas por elementos que, apresentados em processos de mediação, mais especificamente a partir da interação mediada por algum dispositivo, adequam-se à lógica do *ethos* mediado defendida por Sodré.

A série *The L Word*¹ pode ser um ponto de partida para melhor compreensão da relação

¹ O programa é considerado um marco na história da televisão por ser o primeiro a ter como protagonistas um grupo de amigas lésbicas e foi exibido nos Estados Unidos, em seis temporadas de 2004 a 2009, e, no Brasil de 2005 a 2010. Existiu uma presença maciça de fãs que se organizaram nas redes sociais on-line para discutir e conversar sobre a série.

entre *ethos* e midiaticização a partir da perspectiva de Sodré (2002). É inegável a visibilidade que *The L Word* trouxe para o universo lésbico. Entretanto, seria possível pensar, a partir de Sodré, que a série, exatamente por seu pertencimento ao *bíós* midiático, acaba por sucumbir à moralidade objetiva do *ethos* midiaticizado.

Ao buscar compreender como *The L Word* engendra processos de significação da lesbianidade, poderíamos aqui elencar uma série de elementos que mostram como o programa oferece imagens lésbicas limitadas e como a série contribui para o discurso da normatividade da heterossexualidade: seus personagens em sua maioria brancos e femininos; valores tradicionais ao padrão heterossexista, que predominam na sociedade, entre eles fidelidade, família e relações de e relações de poder entre gêneros. A série também se apresenta de forma bastante palatável para os telespectadores heterossexuais, principalmente do sexo masculino.

Entretanto, é preciso que se pense nos fenômenos comunicacionais num sentido mais amplo. Dessa forma, visando uma mirada que reconheça e busque a complexidade da realidade estudada, acreditamos que *The L Word*, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que retifica normas, promove um aumento de visibilidade de sexualidades marginalizadas. Juntamente com Guimarães, nos colocamos na contracorrente de que:

Formulações que atribuem um poder onívoro à vinculação inextrincável entre as lógicas sistêmicas mediáticas (impulsionadas pelas tecnologias digitais) e a configuração atual da economia capitalista, como se a existência em tempo real ou o hiper-espetáculo fossem capazes de a tudo engolir, colonizando inteiramente as regiões e os aspectos da experiência em geral (GUIMARÃES, 2007, p. 9).

O significado de *The L Word* não é construído isoladamente, mas se dá a partir do permanente e direto diálogo entre e com os fãs, o que talvez explique como o programa conseguiu reunir, em redes online, telespectadoras de países distantes, distintos e de realidades tão díspares (AGOSTINI, 2010). Basta imaginar que é possível identificar como fã da série uma telespectadora residente no Pará, com nível de escolaridade socioeconômico mais baixo, e também mulheres com alto padrão econômico residentes em Los Angeles, só para exemplificar (AGOSTINI, 2010, p. 56). Talvez, esse abarcamento de fãs de realidades tão diferentes possa ilustrar o quanto é importante a interação entre os atores sociais que podem compartilhar um sentido, apesar das disparidades econômicas, sociais e territoriais.

No caso da série, o comum em questão seria a homossexualidade feminina. Porém, sob o ponto de vista de Sodré (2002), praticamente não faria sentido falar em contínua modelação, uma vez que, no *ethos* midiaticizado equivaleria ao mesmo que se pensar em retroalimentação. Exatamente em contraponto a essa retroalimentação do mesmo pelo mesmo, talvez seja possível pensar que, no caso da série, mais importante que sua exibição, mais relevante que as ações isoladas de cada ator social – produtores, fãs, críticos, anunciantes –, foram as tensões produzidas entre eles e as significações que estas trouxeram.

Entretanto, para além de ter aberto debates pertinentes, a série evidencia problemas de visibilidade que vão muito além dela e de apresentação das sexualidades minoritárias

a partir da ideia de alteridade e diferença. Podemos pensar a série como um grande ponto de encontro que promove a interação entre o seriado e as telespectadoras, o que fomenta as interações entre os atores sociais e cria uma profusão de sentidos no entorno de sua marca (AGOSTINI, 2010). Por outro lado, permanece a questão de que *The L Word*, ao reproduzir um padrão hegemônico da representação da mulher na sociedade, oferece um produto que pode ser assistido voyeuristicamente de uma distância segura e, portanto, não representa uma ameaça à heteronormatividade.

Evidencia-se, assim, um processo de redução da alteridade em *The L Word*. Tal processo de redução do Outro ao Mesmo transforma a alteridade em algo absolutamente reconhecível e instituído a partir de uma sociedade heterossexual dominante que não consegue se descentrar de si mesma. Dessa forma, as imagens e sexualidades minoritárias ali apresentadas são toleradas como um objeto a ser consumido e descartado num processo marcado pela impossibilidade do encontro com a alteridade radical. Conforme afirma Birman,

(A) impossibilidade de poder admirar o outro em sua diferença radical, já que não consegue se descentrar de si mesma. Referido sempre a seu próprio umbigo e sem poder enxergar um palmo além do próprio nariz, o sujeito da cultura do espetáculo encara o outro apenas como um objeto para seu usufruto. Seria apenas no horizonte macabro de um corpo a ser infinitamente manipulado para o gozo que o outro se apresenta para o sujeito no horizonte da atualidade. (BIRMAN, 2000, p. 25)

O processo de redução do Outro ao Mesmo pode ser melhor compreendido a partir da leitura de Levinas (1988), segundo o qual a filosofia ocidental em sua gênese, apresenta, via ontologia, a anulação da alteridade. Segundo Levinas, o modo ocidental de conduzir o pensamento, baseado no primado do sujeito, um processo no qual a subjetividade é fechada em si mesma: o ser como totalidade na qual não há espaço para o outro:

O primado do Mesmo foi a lição de Sócrates: nada receber de outrem a não ser o que já está em mim, como se, desde de toda a eternidade, eu já possuísse o que me vem de fora. Nada receber ou ser livre. A liberdade não se assemelha à caprichosa espontaneidade do livre arbítrio. O seu sentido último tem a ver com a permanência no Mesmo, que é a Razão. O conhecimento é o desmembramento dessa identidade, é liberdade. O facto de a razão ser no fim de contas a manifestação de uma liberdade, neutralizando o outro e englobando-o, não pode surpreender. A partir do momento em que se disse que a razão soberana apenas se conhece a si própria, que nada mais a limita. A neutralização do Outro, que se torna tema ou objeto - que aparece, isto é, se coloca na claridade - é precisamente a sua redução ao Mesmo (LEVINAS, 1988, p. 31).

O paradigma da modernidade, sustentado pelo pensamento moderno promove a continuidade da separação eu-outro ou sujeito-objeto, que permanece até os dias de hoje. Tal ontologia está na base de como percebemos e explicamos o mundo e orienta desde nossas leis civis até nossas configurações sociais. A partir desse ponto de vista, a alteridade e a ética estariam sempre sob o julgo dos vencedores; conforme afirma Pivatto (2001, p. 81) “no contexto em que se exploram as possibilidades de ser mais como diversão na exuberância de formas que a sociedade consente às custas de outros que não têm vez nem voz e que perpetuam o *vae victis*

dos vencedores”. A ética alcançada fica à mercê dos vencedores.

Ao questionar o modelo filosófico ocidental em seu primado ontológico que sustentou a ideia de subjetividade transcendental e sua aniquilação do outro, Levinas (1988) inclui a ética enquanto um ponto de partida para o pensamento. Dessa forma, o autor propõe compreender a relação Mesmo/Outro para além da totalidade que reduz o Outro ao Mesmo. Isso se torna possível ao compreender a subjetividade como algo que se constitui a partir do outro, “a subjetividade como acolhendo Outrem, como hospitalidade. (Onde) se consuma a ideia do infinito” (LEVINAS, 1988, p. 14). Dentro desse contexto, conforme afirma Pivatto, (2001, p. 88) “a ética torna-se o eixo fundamental precisamente porque contém e revela a possibilidade e a realidade do além do ser e da identidade do mesmo como transcender para o outro numa relação responsável que Levinas chama de alteridade”.

A discussão sobre a ética envolve necessariamente a discussão da alteridade, pois não há que se falar em ética se não há um outro. Mais do que o outro, pois este também estaria pressuposto a cada vez que falamos em lei, justiça e contratos, por exemplo, é importante reconhecer que a ética depende mais de um posicionamento, de uma reflexão do sujeito do que em algo já moldado, padronizado e reconhecido pela razão como o justo em relação ao outro. Ou seja, trata-se muito mais de autonomia do que de heteronomia. Mais que cumprir normas e deveres, a dimensão ética envolve a responsabilidade do sujeito para com o outro.

Dessa forma, uma questão se coloca: se a dimensão Ética, para Levinas (1988), é um “movimento em direção ao Outro”, existe, no contexto da mediatização, possibilidade para que outro seja reconhecido em sua alteridade? Tanto Braga como Sodré, apesar de suas diferenças, trabalham sobre o eixo comum dos processos de informatiza o e globaliza o das sociedades contemporâneas e oferecem possibilidades de resposta a essa questão.

O fen meno comunicativo   apresentado por Sodré (2006) a partir de uma articula o com a mediatiza o e as novas forças que regem o capitalismo. A partir da descri o particular dos fen menos comunicativos, Sodré (2006) visa   realiza o de um movimento dedutivo de extrair leis explicativas para dar conta de outros fen menos, no caso, as novas formas do capitalismo, do mercado, do liberalismo.   possível afirmar que no fundo tal explica o tem como mirada o capitalismo em suas formas atuais e o fen meno da mediatiza o está intimamente articulado a essa nova situa o do capitalismo. Assim, para Sodré (2006), a mediatiza o está fortemente vinculada às novas formas do capitalismo e a constru o da realidade social estaria inevitavelmente atrelada ao *bios* midiático do qual emerge uma configura o das rela oes sociais e existenciais condizente com a ordem mercadológica hegem nica do turbocapitalismo. Dentro desse contexto, nada se produziria fora de um *ethos* mediatizado decorrente desse *bios*.

A m dia  , para Sodré (2006), o elemento qualificador da forma de vida contemporânea. Nesse caso, não se trata apenas de novas tecnologias, mas de novas maneiras de conhecer e de agir no mundo, uma vez que a dimensão cognitiva   da ordem da conduta o que ressalta sua dimensão  tica. A qualifica o particular da vida implica um novo modo de presença do sujeito no mundo, configura o que entendemos, como ela faz parte de nossas formas de viver juntos e,

conforme afirma Sodré (2006, p. 52), o mercado não tem interesse de propiciar a igualdade, o interesse comum.

No mundo contemporâneo, a relação entre os sujeitos cada vez mais se dá a partir de formas mediadas de comunicação, daí o inevitável do *ethos* midiaticizado. Dessa forma, numa dimensão ética e numa dimensão política, para Sodré (2006), o *ethos* midiaticizado orientaria como fazemos o laço com o outro e como estabelecemos as partilhas que regem o mundo, considerando aqui a ideia de partilha num duplo sentido: partilha no sentido de divisão; como sempre foi a questão da política, proprietários e não proprietários, votantes e não votantes; os com direito e os sem direito, os que têm território e os que não têm, e também partilha no sentido de compartilhamento. A midiaticização é, a partir desse ponto de vista, uma força que sequestra uma potência inerente às formas de sociabilidade.

Um dos problemas de se compreender o fenômeno da midiaticização pela imagem sombria do *bios* midiático é a questão de que se nada escapa dessa lógica, então nada pode ser feito. Tal discurso gera uma imobilidade e paralisia. Paulo Freire (2000) explica essa questão ao afirmar que se aceitamos que “a economia ou a tecnologia ou a ciência, pouco importa, exerce sobre nós um poder irrecorrível não temos outro caminho senão renunciar nossa capacidade de pensar, de conjecturar, de comparar, de escolher, de decidir, de projetar, de sonhar” (FREIRE, 2000, p. 53). Dessa forma, não se justificaria nem a própria discussão sobre o assunto.

Um outro problema seria o próprio alcance do *bios* midiático. Mostraremos no exercício de olhar Zanele Muholi que embora as forças do *bios* midiático promovam um certo “aplainamento do mundo” sejam majoritárias, é possível que algo escape da lógica do *bios* midiático e carregue uma alteridade radical.

5 Zanele Muholi e o rosto do outro – um outro exercício de olhar

As representações visuais de lésbicas e lesbianismo têm sido, reconhecidas como sinais de progresso político para uma minoria (ou uma sub-minoria) pouco representada, mas a mercantilização de tais imagens enquadra essa comunidade em imagens reduzidas que não têm força para carregar uma verdadeira alteridade. Imagens que, mesmo belas, são produto de uma violência simbólica “onde o outro deve, por força, reduzir-se ao mesmo, ser o mesmo” (SKLIAR, 2002, p. 208).

As imagens midiáticas são parte integrante dos processos de construção do entendimento de quem somos, como nós desejamos, e com quem e como identificar. AvilaSaavedra (2009, p. 8) afirma que os personagens gays na televisão existem por causa do capitalismo. Segundo o autor, essa é a força que os torna possíveis e a única agenda permitida. De certo, uma série de TV comercial não teria um objetivo diferente além dos ditados por uma agenda capitalista. Mas seria possível, em outras circunstâncias, a construção de imagens que, para além do mero consumo visual e da mercantilização, conseguissem carregar uma real alteridade? Mas quem seria o outro? É o que não deixa o mesmo enquanto o mesmo repousar.

Conforme afirma Todorov,

Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou só aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a mim. Ou então como um grupo social concreto ao qual nós não pertencemos (2003, p. 3).

Nesse contexto, é possível afirmar que o trabalho da fotógrafa sul africana Zanele Muholi (2014) não se apresenta ao nosso olhar como um objeto que se interpreta, com um produto que se consome ou como algo que pode ser contemplado impassivelmente.

Muholi vive e trabalha na África do Sul. São comuns no país crimes de ódio contra lésbicas e existe uma prática corrente de estuprar lésbicas para “curar” a sua sexualidade também conhecida por estupro corretivo. Dados do *South Africa's Medical Research Council* (2017) revelam uma cultura sul africana profundamente enraizada de violência contra as mulheres, em geral.

O estupro corretivo é uma forma de violência de gênero que funciona como um elemento relacionado ao domínio e à submissão das mulheres ao manter controle sobre seus corpos e reforçar as normas de gênero que prescrevem como uma mulher deve ser e como ela deve se comportar. Dentro desse contexto é importante destacar a vulnerabilidade das lésbicas que, justamente por colocarem as normas dominantes em xeque e subverterem a ordem vigente, tornam-se alvo de violência.

Ao se pensar em termos de alteridade, é possível afirmar que o estupro é a anulação completa do outro, convertido em objeto para a satisfação de um Eu. No caso das mulheres em questão, a anulação se dá também de muitas maneiras: oprimidas como mulheres negras e como homossexuais, tais mulheres não existem enquanto uma categoria que tem voz própria, além de não possuírem um espaço a partir do qual possam falar, já que o simples posicionamento já as coloca em risco.

No trabalho *Faces e Fases*, Muholi documenta, através de fotografia em preto e branco, retratos de mulheres negras, lésbicas africanas. A propósito de seu trabalho, ela afirma:

A partir da definição do dicionário do que seja uma “face” (a frente da cabeça, da testa ao queixo), a face também expressa a pessoa. Para mim, *Faces* significa eu, fotógrafa e trabalhadora em comunidade, estando face a face com várias lésbicas com as quais interagi em diferentes municípios como Alexandra, Soweto, Vosloorus, Katlehong, Kagiso (MUHOLI, 2014, p. 13).

As mulheres retratadas por Zanele Muholi têm um desempenho específico na comunidade lésbica negra, entre elas estão mulheres das mais variadas profissões: atrizes, pesquisadoras e advogadas, dentre outras. O trabalho da fotógrafa busca a negação da violência explícita, enquanto valoriza a diferença e a unidade dos rostos que protagonizam uma resistência justamente pela irrupção do outro. Levinas (1988, p. 178) nos lembra que

Manifestar-se como rosto é *importe* para além da forma, manifestada e puramente fenomenal, é apresentar-se de uma maneira irreduzível à manifestação, como a própria retidão do frente a frente, sem mediação de nenhuma imagem na sua nudez, ou seja, na sua miséria e na sua fome. O rosto tem significado próprio, o rosto fala, já as coisas não têm rosto.

Ao nomear a ética de rosto, Levinas libera o sujeito de ser governado pelo princípio da razão, enfatizando a importância de se existir em relação ao outro, de existir para o outro. Ao mostrar que a questão ética diz de uma limitação política, Levinas pode contribuir para nos revelar outra perspectiva de olhar para o modo como a mediação opera na contemporaneidade.

O “rosto” que Muholi nos apresenta, embora seja mediado, materializa uma alteridade que questiona a autonomia do sujeito e promove uma interpelação ética. Coletivamente, os retratos são uma declaração visual de um “rosto (...) exposto, ameaçado, como nos convidasse a um ato de violência. Ao mesmo tempo, o rosto é o que nos proíbe de matar” (LEVINAS, 1988, p. 77). Conforme afirmam Vieira, F., Coelho, T., Marques, Â. C. S. (2017, p. 53), “o rosto é menos a face humana que aparece na superfície de um retrato ou imagem artística, e mais um apelo, um chamado que nos é endereçado e nos desperta para a precariedade da vida do outro e da nossa própria vida”.

Ao tratar da questão da visibilidade, Reinoso (2008, p. 2) afirma não se tratar somente do desejo de ser visto e reconhecido. Visibilidade significa existência: “o que não é visível não existe e o que não existe permanece fora do âmbito da cidadania reconhecida”. Nesse sentido, o projeto de Muholi é um poderoso registro da existência dessas mulheres. Suas fotografias revelam diversas e complexas expressões humanas que se colocam como manifestação, aparição e apresentação do outro em um contexto social e político que é crítico, um o processo de subjetificação que “permite a criação de novas formas de existência, de novas modalidades relacionais, que abre um campo de possibilidades para o sujeito livre” (FOUCAULT, 1990, p. 127).

Considerações Finais

A partir da leitura que realizamos de Levinas é possível afirmar que essa relação com o outro, essa responsabilidade face a um rosto, precede qualquer outra forma de liame, de relação estabelecida entre os sujeitos, pode acontecer mesmo em situações de mediação. Para Levinas (1988), o cuidado com o outro, a preocupação com o outro, funda as alianças. Nesse sentido, ao contrário do defendido por Sodré, levar-nos a compreender o porquê o outro não pode ser o mesmo, simples espelhamento.

Além disso, pode-se pensar que   exatamente a dimensão  tica proposta por Levinas (1988) que impediria que os sujeitos mergulhassem no *bios* midiático defendido por Sodré (2006; 2008), uma vez que o rosto do outro que inquieta que o olha e clama por responsabilidade. Dentro desse contexto, quando nos expomos ao rosto oferecido por Muholi (2012), uma vez que são imagens que nos alertam para uma cruel realidade, nos tornamos cientes da precariedade do

outro, da qual também de alguma forma, também somos responsáveis.

Por outro lado, pode-se pensar que *The L Word*, por manter o padrão da indústria hollywoodiana, ainda que traga a cena e para o primeiro plano a visibilidade de lésbicas e ter essa importância de ser o primeiro a representar essas mulheres na televisão, não consegue carregar uma alteridade que invocaria uma responsabilidade para com o outro, exatamente por estar atrelado às lógicas de mercado, ao consumo, ao padrão imposto, aplainando os sujeitos e tornando a todos o mesmo. *The L Word* estaria, dessa forma, mais enquadrado à conceituação de *bíós* midiático.

Referências

- AGOSTINI, Adriana. **Lésbicas na TV: the L Word**. São Paulo: Malagueta, 2010.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. In: ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda; MÉDOLA, Ana Sílvia Lopes Davi. **Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2006/2007.
- BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente-tentativa. **Matrizes**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 65-81, jul./dez. 2010.
- FACCO, Lúcia. **As heroínas saem do armário: Literatura lésbica contemporânea**. São Paulo: GLS, 2004.
- FRANCO, Juliana Rocha. A “virada espacial” e a semiótica: uma proposta alternativa ao pensamento binário. **LÍBERO**, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 65-76, jul./dez. 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos. A experiência estética e comunicação: a partilha de um programa de pesquisa. In: GUIMARÃES, César; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos. **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- GUIMARÃES, César. O documentário e os banidos do capitalismo avançado de consumo. **Revista Cinética**, Disponível em: <www.revistacinetica.com.br/cep/cesar_guimaraes.htm>. Acessado em: 28 dez 2018.
- LEVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MONTEIRO, Paula. Globalização, Identidade e Diferença. In: **Novos Estudos CEBRAP**, n. 49. São Paulo: Editora Brasileira de Ciências Sociais. 1997.

MUHOLI, Zanele. **Faces & Phases**. Disponível em: <<http://www.zanelemuholi.com/photography.htm>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

MUHOLI, Zanele. Faces and phases. **Transition: An International Review**, n. 107, p. 113-124, Indiana: Indiana University Press, 2012.

MUHOLI, Zanele. **Faces and Phases 2006-14**. Alemanha: Steidl Verlag, 2014.

PIVATTO, Pergentino Stefano. Ética da Alteridade. In: OLIVEIRA, Manfredo Araujo de. **Correntes fundamentais da Ética Contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2001.

REINOSO, Beatriz Gimeno. **Repensando o Armário ou o Público e o Privado de novo**. Artículos de Ciudad de Mujeres. Disponível em: <<http://www.ciudademujeres.com/articulos/Repensando-el-armario-o-lo-privado>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

SKLIAR, Carlos. É o outro que retorna ou é um eu que hospeda?: notas sobre a pergunta obstinada pelas diferenças em educação. In: Reunião Anual da ANPED, 25., 2002, Caxambú. **Anais...** Caxambú: ANPED, 2002. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/25/sessoesespeciais/carlosskliar.doc> Acesso em: 28 dez. 2017.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**. Afeto, mídia e política. Petrópolis, Vozes, 2008.

SODRÉ, Muniz. **O bios midiático na cena social contemporânea**. Palestra realizada em 27/5/2007, Disponível em: < <https://www.scribd.com/document/56266317/muniz> >

SODRÉ, Muniz. Sobre a vida anunciada. **Galáxia**, São Paulo, v. 1, n. 2, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/galaxia/article/view/1247/1018>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

SOUTH Africa's Medical Research Council. Disponível em: <<http://www.mrc.ac.za//gender/women.pdf>>. Acesso em: 28 dez.2017.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: A questão do outro**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

VIEIRA, Frederico; COELHO, Tamires; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. A vulnerabilidade e o rosto em imagens de sujeitos empobrecidos: notas para pensar outramente a relação entre estética e política. **Parágrafo**, Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAM, v. 5, n. 1, p. 51-65, jan./jun. 2017.

Recebido em: 17/09/2017

Aprovado em: 22/01/2018